

BRINCANDO COM AS PALAVRAS: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA EM MACUNAÍMA

Roberta Tiburcio Barbosa¹

Resumo: A obra *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, lançada no auge do Movimento Modernista, apresenta uma nova caracterização do povo brasileiro, através do seu “herói sem nenhum caráter”, essa nova identidade é construída por meio da linguagem de *Macunaíma*. O presente artigo tem por objetivo analisar de que forma as palavras usadas no léxico macunaímico constroem a noção de nação brasileira na obra, identificando o jogo de palavras e os efeitos de sentido decorrentes dos enunciados, tendo por base a pesquisa bibliográfica da semântica lexical, estudada nos textos de Fiorin (2005), Guimarães (2002), Ferreira (2009), Justino (2015), entre outros, os quais defendem a linguagem como fonte primeira de construção de sentidos e relações entre os falantes e o real, o mundo concreto.

Palavras-chave: Macunaíma. Semântica lexical. Identidade brasileira.

PLAYING WITH THE WORDS: CONSTRUCTION OF BRAZILIAN IDENTITY IN MACUNAÍMA

Abstract: The *Macunaíma* (1928), by Mário de Andrade, launched at the height of the Modernist Movement, presents a new characterization of the Brazilian people, through their “hero without character”, this new identity is built through *Macunaíma* language. This article aims to analyze how the words used in macunaímico lexicon construct the notion of the Brazilian nation in the work, identifying the set of words and meaning effects arising from statements, based on a literature search of lexical semantics, studied in Fiorin texts (2005), Guimarães (2002), Ferreira (2009), Justino (2015), among others, who defend the language as a primary source of construction of meanings and relationships between speakers and the real, concrete world.

Keywords: Macunaíma. Lexical semantics. Brazilian identity.

¹ Mestre e Doutoranda em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica no estado da Paraíba (SEECTPB). E-mail: robertatiburcio1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0456-2388>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8948271335627935>.

Introdução

O Movimento antropofágico, de 1928, surge no Modernismo como uma forma de subversão do olhar estrangeiro a respeito do povo e da cultura brasileira. Na procura de um novo símbolo da nação, o indígena (o bárbaro tecnicizado) é eleito como metáfora de todos os subalternos do Brasil (índios, negros, pobres...).

A obra “Macunaíma”, de Mário de Andrade, é uma das mais célebres representações do povo brasileiro tal qual defendia a antropofagia. Ao contrário do que fez o Romantismo, o Modernismo adotou não um índio herói europeizado, mas um indígena “sem nenhum caráter”, personificado no protagonista do romance, que dá nome à obra.

O herói do Uraricoera é esperto, mulhengo e sabe todas as facetas para se livrar dos problemas que surgem. A designação de “Herói sem nenhum caráter” não se refere apenas a malandragem de Macunaíma, mas, principalmente, à mistura cultural e de raça do povo do país, “que tinha descoberto a felicidade antes dos portugueses o descobrirem”, como afirmou o Movimento Antropofágico.

O contato intercultural presente na obra de Mário de Andrade produz uma nova imagem do Brasil e do falar de seu povo, que é caracterizado por uma linguagem típica de um povo que se faz pulsante, enérgico e procura sua própria forma de expressar seu sentimento por meio das palavras que usa.

Ao criar e recriar as palavras pertencentes ao léxico da língua portuguesa-brasileira, Macunaíma dá origem a um novo falar, um falar que é íntimo ao povo brasileiro, por seu caráter introspectivo ao sujeito, que revela de uma forma mais direta as significações que as palavras têm para o brasileiro, e, além disso, faz o modo de falar do seu povo se fazer presente na escrita.

Procurando, nas bases da Semântica Lexical, refletir a respeito da construção indenitária nacional

através do “léxico macunaímico”, o presente artigo, por meio de pesquisa bibliográfica, objetiva analisar de que forma a obra Macunaíma revoluciona a concepção de cultura nacional por meio da arte da linguagem.

A semântica lexical

É possível tomar a segmentação do mundo em classes como qualquer coisa que esteja na ordem daquilo que já é dado e construído? “seria a estruturação do mundo em categorias algo previamente constituído nas próprias coisas ou dependeria ela das diferentes maneiras de olhar o mundo?” (PIETROFORTE & LOPES. *Apud* FIORIN, 2005, p.113)

Pode-se considerar o mundo apenas observando a existência de referentes externos à linguagem, ou seja, as coisas, tendo o homem contato direto com elas, sem ser importante à inserção sócio-histórica e social do sujeito. É o que muitas pessoas fazem ao atribuir à palavra a simples função de nomenclatura dos objetos.

Mas, para os estudos semânticos, a linguagem é de suma importância no mundo, possibilitando diferentes maneiras de mirar uma mesma coisa, com ênfase ao ponto de vista e não ao objeto. Disso resulta que duas pessoas de diferentes comunidades linguísticas não veem da mesma forma o mundo.

Desde os primórdios dos estudos Linguísticos, a exemplo das contribuições de Ferdinand de Saussure, sempre se acreditou que as palavras remetem aos conceitos e que estes representam as coisas. Construindo-se assim, a noção de *significante* e *significado* saussurianos, na qual o significante representa o som das palavras e o significado o conceito mental. Conseqüentemente, confundiram-se várias vezes o conceito de significado, atribuindo a ele a representação real do objeto material, isso ocorria quando se procurava um mundo predeterminado, exterior à linguagem.

É preciso observar não apenas a relação linguagem-mundo, mas, principalmente, as relações entre o que se diz e de que forma se diz algo, ou seja, quais as intenções dos falantes ao usarem determinadas palavras e como elas agem dentro do léxico, construindo sentidos. “A transformação na linguagem se dá pela intervenção da vontade do homem” (GUIMARÃES, 2002, p.16).

Diante dessa postura, a concepção de verdade já não trata de uma relação entre a verdade de um enunciado com o mundo real, concreto, mas considera que a verdade é variável de acordo com o modo como o sujeito a utiliza. Nesse caso, a verdade é múltipla, como os sujeitos falantes também o são, do mesmo modo que os enunciados e a enunciação também são variados.

Para o linguista dinamarquês Hjelmslev (1975) o sentido emana da linguagem, ou seja, a linguagem é que determina o mundo, “a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade” (PIETROFORTE & LOPES. *Apud* FIORIN, 2005, p.113).

Temos, assim, uma concepção de mundo como objeto de sentidos construídos na linguagem pelo homem, dessa forma, é importante estudar como as línguas interpretam e categorizam o mundo físico atribuindo-lhe sentido. “A semântica assim concebida, será menos ligada às noções lógicas e mais próxima de questões oriundas da herança retórica, mas num enfoque renovado” (PIETROFORTE & LOPES. *Apud* FIORIN, 2005, p.118)

Para que se compreenda como as palavras são estudadas na semântica lexical, é preciso entender algumas conceituações fundamentais, a exemplo dos conceitos de semas – traços distintivos próprios do conteúdo das unidades de um campo lexical, de lexema – os significados das palavras, e semema – um conjunto de semas. Para cada lexema existe no mínimo um semema correspondente, sendo

assim, para cada palavra há uma acepção aceita culturalmente de acordo com a língua em questão.

A reflexão a respeito das coisas, por meio das palavras usadas, não exige dos conceitos a sua identificação no mundo “real”, mas, independentemente dessa relação, os efeitos de sentido, decorrentes da linguagem empregada, requerem interpretações e, para tal, é primordial:

Algumas transformações por que passa o semantismo das palavras, por ocasião de seu emprego em discurso. A incorporação de traços semânticos provenientes do contexto é processo observável a cada novo uso discursivo, alterando parcialmente a identidade das acepções das unidades de que se trata. Não significa que a passagem ao discurso implique um abandono completo das acepções dicionarizadas: significa sua transformação parcial, no interior de limites aceitos intersubjetivamente pelos falantes de uma língua focalizada. (PIETROFORTE & LOPES. *Apud* FIORIN, 2005, p. 125).

Macunaíma: o mito da língua nacional

“Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra”

O movimento modernista buscou uma valorização da cultura nacional brasileira. Macunaíma, de Mário de Andrade, surgiu como uma maneira de fazer com que a língua falada do país estivesse presente na escrita.

Procurando trazer na obra um retrato da fala cotidiana dos recantos do Brasil, Mário de Andrade escolhe como protagonista um “herói sem nenhum caráter”, simbolizando as várias culturas e etnias nacionais.

Em Macunaíma, recusa-se a transparência do real em favor da exploração de processos de construção crítica do real via linguagem, em um estado de autonomia linguística. O mundo relatado pela fala de Macunaíma é real no sentido de metaforizar a formação linguística e cultural

nacional, é um espaço de afirmação do falar popular.

Mário de Andrade opera por processos de semiotização radical, por meio da exploração de potenciais estéticos imanentes das palavras, problematizando toda relação ingênua dos conceitos com o real, construindo um realismo no qual o objeto do signo não é uma coisa e sim outro signo. “cuja desterritorialização radical remete a literatura a ela mesma enquanto pesquisa constante dos potenciais da linguagem e, por extensão, ao problema filosófico da pertinência da linguagem para dar conta do real” (JUSTINO, 2015, p.150).

Segundo Daniel Bounoux (1994), o símbolo “reprime o índice, suprime os sentidos (as sensações) em proveito do sentido (a significação)”. A relação presente em *Macunaíma* não é meramente entre signo e objeto, mas entre língua e cultura. Ao criar e recriar os itens lexicais, o herói coloca em ação seu superpoder de dominar as palavras, para defender/representar o seu povo:

Vemos pois que, em volta de cada palavra ou, para melhor dizer, de certas palavras, se estabelece uma atmosfera fantasiosa e sentimental que constitui seu valor expressivo. Há, evidentemente, palavras mais evocadoras do que outras. O bom escritor saberá aproveitá-las, para suscitar mais vivas e variadas imagens. (LAPA, 1973, p.10)

Mário de Andrade se enquadra entre esses autores, os quais cita Lapa (1973), pois consegue com *Macunaíma*, e com outras obras, construir um léxico próprio à concretização de seu objetivo de marcar por meio da escrita a fala brasileira.

As escolhas lexicais macunaímicas e a construção de sentidos

NNo fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a

índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

– Ai! que preguiça!... (ANDRADE, 2008.p.13)

Logo no início da obra *Macunaíma*, vê-se falar que o herói fazia coisas de sarapantar, mas uma questão chama a atenção nos feitos do garoto: o que é mesmo sarapantar?

Sabe-se que sarapantar é o mesmo que espantar, nesse ponto surge o questionamento: por que a escolha de uma palavra totalmente desconhecida ao invés de uma tradicionalmente usada? A forma sarapantar foi usada não só porque é menos conhecida, fazendo assim com que o enunciado tivesse um toque de originalidade, mas, principalmente, para caracterizar e tornar a língua em questão constituinte de um léxico próprio ao povo brasileiro.

Ao romper com o falar tradicional, o Modernismo não só fazia uso de neologismos criados a partir de alterações formais, como também expandia o lexema das palavras, resultando na formação de neologismos semânticos. O campo semântico das palavras vive sempre se dilatando, fazendo com que as palavras ganhem novos significados:

O herói se estatelou de medo e fechou os olhos pra ser comido sem ver. Então se escutou um risinho e Macunaíma tomou com uma gusparada no peito, era a moça. Macunaíma principiou atirando pedras nela e quando feria, Sofará gritava de excitação tatuando o corpo dele embaixo com o sangue espirrado. Afinal uma pedra lascou o canto da boca da moça e moeu três dentes. Ela pulou do galho e juque! tombou sentada na barriga do herói que a envolveu com o corpo todo, uivando de prazer. E brincaram mais outra vez. (ANDRADE, 2008, p. 15-16)

Observa-se, no trecho acima, um novo lexema de *brincar*, que adquire um sema ligado ao prazer do ato sexual. Não é mais o brincar

inocente de duas crianças, mas dois amantes em estado de gozo. O campo semântico de brincar se expande, passa-se a tratar a palavra em questão com uma significação diferente. Nada melhor do que uma palavra que sugere diversão para representar os enlaces amorosos dos brasileiros, um povo frequentemente associado a ideias de espontaneidade e descontração.

Ainda no trecho acima, a onomatopeia “juque”, que representa o som da moça caindo em cima de Macunaíma, é um exemplo do uso constante de onomatopeias na obra e revela a preocupação do autor em transmitir sensações sonoras. É assim o mundo apresentado por Macunaíma, um mundo das sensações, dos sentidos, quase tátil, no qual a linguagem ao mesmo tempo em que é construtora da visão de mundo do herói, também o apresenta de maneira sensível ao leitor, por meio de neologias fonológicas.

Segundo Gilbert (1975), existem dois tipos de criações lexicais, a neologia denominativa, que é associada à necessidade de se dar um nome a um objeto, a um novo conceito; e a neologia estilística, a qual se baseia na busca da expressividade de uma palavra ou de uma frase para expressar de uma forma inédita uma visão pessoal do mundo, ligada à originalidade do falante. Macunaíma aparece como esse falante original que cria/recria a fala e a escrita para construir sua identidade.

“Macunaíma pigarreava atirando gusparadas no rio e enquanto o guspe afundava transformado em matamatás nojentos, o herói botava a boca no mundo feito maluco sem nem saber o que cantava. A violinha repinicava tremida.” (ANDRADE, 2008, p.123) Ao longo de toda a rapsódia² Macunaíma, faz uso de palavras que buscam uma intimidade direta com os sentimentos intensos dos brasileiros. Não se trata só de cuspir, é guspir um ato muito mais forte e simbólico. Essa simples troca de uma forma para incluir uma oclusiva oral, esse /g/ presente no

enunciado, representa a força da língua, representa um mundo que é marcado pelo léxico brasileiro, pelo caráter pulsante nacional.

O mundo que se apresenta em Macunaíma é criado por meio da linguagem. Aqui, não se trata de uma relação em que as palavras servem pura e simplesmente para representar as coisas do mundo, mas de palavras que são capazes de criar um novo mundo, macunaímico. A linguagem de Macunaíma se torna o modelo de representação nacional, as suas escolhas lexicais são determinantes na caracterização da sua visão de mundo, das vozes sociais que representa e a quem se dirige.

A criação do universo, o surgimento dos astros, do ser humano, e muito mais, passam e se fazem reais dentro da verdade dos enunciados do herói. Há uma criação de toda a história da humanidade por meio do léxico macunaímico, a partir desse momento, o universo passa a ter uma explicação na linguagem popular:

Então de medo a onça nunca mais que largou de tudo o que tinha ajudado ela a fugir. Anda sempre com roda nos pés, motor na barriga, purgante de óleo na garganta, água nas fuças, gasolina no osso-de-Pai-João, os dois vagalhões na boca e o capote de folha de banana-figo cobrindo, ai ai! prontinha pra chispar. Principalmente si pisa nalguma correição da formiga chamada táxi e alguma trepando no pelame luzido morde a orelha dela, qual! chispa que nem Deus!... E inda tomou nome estranho pra disfarçar mais. É a máquina automóvel. (ANDRADE, 2008, p.123)

O herói recusa não só a formalidade histórica que não vê os astros como deuses, mas resiste ao uso do português padrão regido por regras gramaticais, com o uso de palavras oralizadas, como as onomatopeias e até termos de cunho coloquial, a exemplo de “vagalhões” e “osso-de-Pai-João”. Essa característica, de usar na escrita uma linguagem coloquial e oralizada, aparece constantemente na obra.

As frases usadas no texto são rápidas, reflexos dos fleches de emoções que tumultuam

o pensamento do sujeito, que está sempre ativo, atento, mudando suas ideias e sentimentos, expressando-se e, simultaneamente, construindo esses estados de espírito por meio da linguagem utilizada:

Macunaíma foi obrigado a abandonar a tapera cuja última parede trançada com palha de catolé estava caindo. Mas o impaludismo não lhe dava coragem nem pra construir um papiri. Trouxera a rede pro alto dum teso onde tinha uma pedra com dinheiro enterrado por debaixo. Amarrou a rede nos dois cajueiros frondejando e não saiu mais dela por muitos dias dormindo caceteado e comendo cajus. Que solidão! O próprio séquito sarapintado se dissolvera. Não vê que um ajuru-catinga passara muito afobado por ali. Os papagaios perguntaram pro parente onde que ia.

– Madurou milho na terra dos ingleses, vou pra lá!

Então todos os papagaios foram comer milho na terra dos ingleses. (ANDRADE, 2008, p. 142)

A presença da simultaneidade, por meio da sobreposição de ideias, imagens e sensações, resulta em uma espécie de efeito polifônico. Porém, na visão de Mário de Andrade (diferente da polifonia Bakhtiniana), é uma polifonia de coexistência de coisas e fatos em um determinado momento, como na hora que Macunaíma foge do monstro Oibê e várias coisas ocorrem simultaneamente apenas naquele momento em que o herói está correndo, para que seu inimigo não o alcance:

Depois que correu légua e meia olhou pra trás e viu que Oibê já vinha perto. Botou o furabolo na goela e lá foi pro chão todo o cará engolido que virou num tartarugal mexemexendo. Oibê custou pra virar aquela imundície de tartaruga e Macunaíma fugiu. Légua e meia adiante olhou pra trás. Isso Oibê vinha na cola dele. Então tornou a botar o furabolo na goela e lançou que era só feijão e água. Tudo virou num lamedo cheio de sapos-bois e enquanto Oibê se debatia atravessando aquilo, o herói catava umas minhocas pras galinhas e partia afobado. Ganhou muita dianteira e parou pra descansar. Ficou bem admirado porque tinha corrido tanto que estava outra feita na porta do rancho de Oibê. Resolveu se esconder no pomar. Tinha um pé de carambola e Macunaíma principiou arrancando ramos do caramboleiro pra se amoitar por debaixo. Os ramos cortados agarraram pingando

água de lágrima e se escutou o lamento do caramboleiro. (ANDRADE, 2008, p. 127-128)

Essa linguagem, que relata tantos fleches de imagens e sensações, se aproxima muito do cinema, faz uma apresentação da cena de fuga do herói de uma forma que o leitor consegue visualizá-la mentalmente e a associa à pressa da vida cotidiana e à criatividade dos brasileiros na hora de encontrar uma saída para seus problemas.

É com a forma da lexia das palavras que se constroem os efeitos de sentido decorrentes do diálogo entre o texto/narrador e o leitor, ao usar palavras ou frases totalmente em letras maiúsculas em meio a letras minúsculas, parece que se está gritando, que aquela parte em caixa alta é mais forte que as demais, merece mais atenção, pedindo urgência na observação do leitor.

É o que ocorre nas várias vezes em que Macunaíma usa a frase “POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO”, há clara a crítica aos problemas sociais do Brasil nessa frase. Problemas que aparecem com uma dimensão muito maior do que se fossem escritos de forma diferente, com letras minúsculas, fato que amenizaria o enunciado. Ao grafar sua crítica da forma como o autor o fez ele transforma seu dito em um ato de protesto, em um verdadeiro grito por melhorias para o país e de repúdio aos defeitos éticos e sociais do Brasil.

Dentro do discurso do herói as palavras passam a construir não só o mundo, mas as próprias pessoas, que são apresentadas com características que as marcam tanto que seus nomes passam a ser secundários em relação ao papel que elas exercem socialmente, como a personagem que se prostitui e é apresentada como “uma madalena”, remetendo-se à prostituta mais conhecida da história³:

Uma madalena que estava na frente do herói, virou pro comerciante atrás dela e zangou: –

3 Maria Madalena, mulher acusada de adultério – Novo testamento (bíblia)

Não bolina, senvergonha!
O herói estava cego de raiva, pensou que erKa
com ele e:
– Que “não bolina” agora! não estou bolinando
ninguém, sua lambisgóia!
– Lincha o bolina! Pau nele! (ANDRADE,
2008, p. 89)

Percebe-se que a linguagem molda e constrói o imaginário do herói representando o modo de falar do brasileiro, sendo assim, é frequente em sua fala o uso constante de expressões linguísticas reduzidas, como “pro”, no exemplo acima, ao invés de “para” e “num”, ao longo da narrativa, no lugar de em um, etc.

Para que a noção de nação vá se configurando como a mistura de várias culturas, o que se apresenta não é mais um povo de um grupo pequeno e fechado, mas um país misto, que é construído por diferentes culturas, tanto nacionais, como estrangeiras, uma vez que o Modernismo não rejeitou todas as culturas vindas de fora apenas não concordou com a subalternização do brasileiro. Assim, se constrói a identidade nacional na obra *Macunaíma* como a coexistência de várias culturas, em um processo intercultural:

Assim tão bem organizados vivem e prosperam os paulistas na mais perfeita ordem e progresso; e lhes não é escasso o tempo para construírem generosos hospitais, atraindo para cá todos os leprosos sulamericanos, mineiros, paraibanos, peruanos, bolivianos, chilenos, paraguaios, que, antes de ir morarem nesses lindíssimos leprosários, e serem servidos por donas de duvidosa e decadente beldade – sempre donas! – animam as estradas do Estado e as ruas da capital, em garridas comitivas equestres ou em maratonas soberbas que são o orgulho de nossa raça desportiva, em cujo conspeito pulsa o sangue das heróicas bigas e quadrigas laotinas!(ANDRADE, 2008, p. 75)

Temos, pois, o entrecruzamento de diferentes culturas na obra, possibilitado por meio da união das várias linguagens típicas de cada povo e do contato interativo entre elas. *Macunaíma* metaforiza, por meio de sua fala, a voz de todas as culturas do país e explica que o Brasil é um país sem nenhum caráter porque é pluricultural.

As palavras do neto de Makunaima

Na atualidade, ao passo que observamos as revoluções linguísticas e socioculturais presentes na produção de Mario de Andrade, se faz necessário uma discussão acerca das falas dos povos que possibilitaram a aparição da figura macunaímica na literatura modernista.

Uma vez que o herói sem nenhum caráter procede dos ideais modernistas de identidade nacional, tendo como plano de fundo a cultura indígena, há que se ressaltar a visibilidade/estereótipos que tal figura fomenta, bem como, a visão dos povos indígenas frente a essa manifestação.

O artista Makuxi Jaider Esbell problematizou as configurações da subjetividade indígena por meio da apresentação do *Macunaíma*, de Mário de Andrade, afirmando-se como um descendente direto de Makunaima (grafia que resguarda as marcas de seu povo):

Eu, quando assumo e reivindico o meu laço familiar com Makunaima, estou convidando a ir ao além no discutir decolonização ou colonização. Quando tomo isso como um argumento quero dizer que é parte minha querer que em todas as partes estejam algum extrapolar dos discursos. (ESBELL, 2018, p.12).

A expansão dos dizeres, o ato de voltar-se para além do argumento inovador do modernismo e observar as reduções ou limitações que incidiram sobre *Macunaíma* - para que ele se tornasse o herói sem nenhum caráter – é imprescindível para que se compreenda a visibilidade e os movimentos de empoderamento contemporâneos, em virtude da figura indígena em destaque na produção andradiana.

“Makunaima sabia sempre o que fazia; parto deste pressuposto. Ele expôs-se sozinho e em estratégia. Agora é outro tempo. O tempo que ele pensou que chegaria não levou nem um século. Onde me couber, vou. Vou além de minha relação

direta com ele” (ESBELL, 2018, p. 14). Jaider Esbell, o neto de Makunaima, desvela o fato de que mesmo fazendo concessões no que diz respeito a certos elementos constituintes da cultura indígena que foram silenciados, a apresentação do herói como um representante máximo da brasilidade (vista como uma qualidade duvidosa/desonesta) abriu espaço para a visibilização das demandas indígenas.

Na contemporaneidade Macunaíma é revirado do avesso, sua imagem/linguagem é retorcida para refletir sobre os elementos que constituem a subjetividade indígena:

Eis que Makunaima experimenta uma forma de materialidade, de sonoridade, de sensibilidade acessível aos seus descendentes, como uma ideia de gênero, por exemplo. Ele vem então em muitos estados transitórios, passa a aparecer além da oralidade, além do mito. Desce de seu estado supremo flechado por seu orgulho superado; quando enxerga-se além de seu orgulho e depois de todo o seu sofrer essencial. Ele rompe todos os limites, subverte todos os conselhos, deixa beijada a mão do seu avô, o jabuti, e vai ao encontro do pai de todos nós, o universo. (ESBELL, 2018, p. 15).

A herança de Makunaima é o constante reinventar dos seus, ao mesmo tempo em que eles resguardam suas conexões ancestrais. “Essa é a nossa linguagem, um ato contínuo em si mesmo, a transformação. Lá, antes de vir o outro, a conjuntura era a conjuntura de lá. Uma origem em si mesma, um recurso próprio do grande ato, a criatividade” (ESBELL, 2018, p. 15). A (cri)atividade abrange os recursos linguísticos/culturais que afirmam os processos de constituição da subjetividade indígena.

Se Macunaíma (re)inventa um léxico que seja mais fiel a demonstração de suas ideias e sentimentos, também torna visível as múltiplas acepções e experiências travadas discursivamente nos processos de alteridade, que confirmam os entrecruzamentos entre os sujeitos e potencializam as vozes indígenas enquanto agentes de ação sociopolítica.

A publicação de Macunaíma no século XX apresentou, em certa medida, traços de apropriação e deturpação da cultura indígena, principalmente em razão do conceito de identidade nacional como uma união de universos plurais e que, portanto, foram comprimidos/limitados para corresponder a um perfil de suposta igualdade subjetiva.

Contudo, a ascensão de uma entidade indígena como Makunaima no espaço em que se discutem certos modelos em voga no âmbito artístico, bem como suas intersecções com questões sócio-históricas, traz à baila reflexões acerca das demandas indígenas e da visibilidade destas no âmbito sociocultural. “Quando Makunaima decide expor-se faz estremecer o universo, algo novo realmente surge, algo urge latente no universo. Nada mais seria como antes, a decisão estava tomada” (ESBELL, 2018, p. 16).

O neto de Makunaima e todos os seus que carregam consigo tais heranças ancestrais fazem coisas de/para sarapantar na contemporaneidade. Eles chamam a atenção para as criatividades e os devires de um povo que está em um ato de criar contínuo, abrindo caminhos para novas palavras/sonhos e fazendo arte no sempre, no agora. Os povos indígenas reivindicam voz no presente, como entes de (en)cantamento do mundo:

Como vedes, assaz hemos aproveitado essa demora na ilustre terra bandeirante, e si não descuidamos do nosso talismã, por certo que não poupamos esforços nem vil metal, por aprendemos coisas mais principais desta eviterna civilização latina, por que iniciemos, quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de melhoramentos, que, muito nos facilitarão a existência, e mais espalhem nossa prosápia de nação culta entre as mais cultas do universo. (ANDRADE, 2008, p. 83).

O neto de Makunaima é o retorno dos seus ao Mato Virgem, a um local que se desprende das imposições e aculturações do sistema hegemônico, para destacar as experiências coletivas e as singularidades indígenas em todas as suas

potencialidades materiais e imateriais, tornando público seus fazeres artísticos e suas experiências de vida.

Considerações finais

A forma como Mário de Andrade constrói a identidade dos brasileiros em Macunaíma é um exemplo das possibilidades de usos da linguagem e, principalmente, de como a relação entre a linguagem e o mundo é muitas vezes um processo de reflexão e afirmação subjetiva. As palavras exercem, em certos casos, um papel de marcadores das culturas as quais estão ligadas. Esse é um exercício, portanto, bem menos arbitrário do que os estudos linguísticos sugerem.

Cada falante possui uma visão de mundo que lhe é própria. Macunaíma com toda a sua originalidade apresenta para o mundo a linguagem oralizada do brasileiro, presente na escrita, documentarizando o falar nacional. Se Camões, com os Lusíadas, deu início à formalização da língua portuguesa, Mário de Andrade, com suas obras, destacou o português-brasileiro, em seu projeto de fazer com que o povo escrevesse com a mesma língua que falava.

A personificação do povo brasileiro em Macunaíma se faz como uma forma de protesto às investidas que buscavam subalternizar o Brasil à Europa, sendo assim, se tem na obra em questão um fator de resistência e afirmação de identidade. É o léxico que possibilita a construção de sentidos que resultam na criação de uma identidade nacional original e ao mesmo tempo pluricultural.

É preciso destacar, ainda, que essa constituição identitária nacional se fez sob o símbolo mítico da personagem Macunaíma, resultado de um investimento na valorização da população indígena brasileira e, simultaneamente, no apagamento de alguns elementos desse grupo, o que ocasionou a preponderância de uma estereotipia sobre essa

etnia. Contudo, como os próprios descendentes de Makunaima afirmam, o Macunaíma andradiano abriu margem para a expansão da visibilidade indígena.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BOUGNOUX, Daniel. Meios ambientes, mídia, midiologia. In: Introdução às ciências da comunicação. Petrópolis: Vozes, 1994, (p 29-45)

ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim! Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018.

FERREIRA, Eliana Maria. Expressividade e visão de mundo: o léxico de Mário de Andrade na poesia da década de 20. São Paulo: USP – Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Língua portuguesa, 2009(dissertação de mestrado).

GUIMARÃES, Eduardo. Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem.2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

JUSTINO, Luciano Barbosa. Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente [livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

LAPA, M.R. Estilística da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

PIETROFORTE, Antônio Vicente Seraphim. LOPES, Ivã Carlos. A semântica Lexical. In: FIORIN, José Luiz, (org). Introdução à linguística II: princípios de análise.4.ed. São Paulo: Contexto, 2005, (p. 111-135).

Submissão: novembro de 2021.

Aceite: março de 2022.